

Felipe de Azevedo Piovezan

**ANÁLISE DA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA DE
ALGORITMOS DE CRIPTOGRAFIA BASEADOS EM
CURVAS ELÍPTICAS**

Tese submetida ao Curso de Bacharelado em Ciência da Computação para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciência da Computação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Villar dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. Daniel Santana de Freitas

Florianópolis - Santa Catarina

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor

Maiores informações em:
<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Felipe de Azevedo Piovezan

**ANÁLISE DA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA DE
ALGORITMOS DE CRIPTOGRAFIA BASEADOS EM
CURVAS ELÍPTICAS**

Esta Tese foi julgada aprovada para a obtenção do Título de “Bacharel em Ciência da Computação”, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Ciência da Computação.

Florianópolis - Santa Catarina, 02 de Dezembro 2015.

Prof. Dr. Renato Cislaghi
Coordenador

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniel Santana de Freitas
Coorientador

Prof. Dr. José Luís Almada Güntzel

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento

Nevermore

The Raven

RESUMO

A criptografia de chaves públicas (PKC), ou criptografia assimétrica, uma das bases para a comunicação segura pela internet, fornece as primitivas para a troca de chaves, autenticação de usuários e assinatura digital. A maioria dos algoritmos de PKC usados atualmente são baseados em conjecturas de teoria dos números, como a dificuldade da fatoração de inteiros ou a dificuldade de alguma versão do logaritmo discreto. Este último, quando usado na versão de curvas elípticas, permite o uso de chaves e assinaturas menores para o mesmo nível de segurança de outros algoritmos, o que é interessante em ambientes com recursos limitados.

Durante o desenvolvimento dos algoritmos assimétricos, os principais nodos da rede eram grandes servidores e desktops. Recentemente, porém, a escala dos dispositivos que estabelecem comunicação segura pela internet está diminuindo consistentemente: dos laptops e celulares, até sensores e etiquetas RFID, todos necessitam de um canal seguro. Essa miniaturização, no entanto, veio acompanhada de restrições de processamento e de suprimento energético, o que conflita com o fato que algoritmos de PKC são computacionalmente caros: como, então, utilizá-los em ambientes com recursos limitados? O presente trabalho pretende, a partir de simulações, avaliar o gasto energético do sistema de memórias de processadores executando algoritmos de criptografia de curvas elípticas, bem como o impacto que técnicas de otimização têm na eficiência energética.

Palavras-chave: Palavras chave

ABSTRACT

The realm of public-key (asymmetric) cryptography (PKC) is considered to be one the pillars of secure communication over the internet, since it includes user authentication, key exchange and digital signatures. PKC algorithms in use are mostly based in certain number-theoretic conjectures, like the difficulty of integer factorization or the difficulty of some discrete-log problem. The latter, when used in the elliptic curve setting, allows for shorter keys and signatures while maintaining the same security level of other algorithms, which is interesting in a resource constrained environment.

During the development of the first asymmetric algorithms, most nodes in a network were either desktops or servers. Recently, however, the scale of the devices partaking in secure communications over the internet has been steadily decreasing: from laptops and cellphones to sensors and RFID tags, they all require a secure channel. This miniaturization is responsible for new restrictions on the processing power and battery supply available to each node, which directly conflicts with the fact that PKC algorithms are computationally expensive. What then is the best way to employ those algorithms in such restricted devices? Through the use of simulations, this work will evaluate the energy cost of the memory system of processors executing elliptic curve algorithms, as well as the impact that certain optimization techniques have on energy efficiency.

Keywords: keywords

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LISTA DE SÍMBOLOS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Introducao!

2 CONCEITOS BÁSICOS EM CRIPTOGRAFIA

A presente seção pretende introduzir o leitor aos conceitos básicos de criptografia, iniciando pelas definições clássicas, seguido dos conceitos relacionados à criptografia simétrica. Por fim, discute-se métodos utilizados para troca de chaves em criptografia assimétrica. O material aqui apresentado é baseado principalmente no trabalho de Goldreich e nas notas de aula do professor Charles Rackoff. Apresentaremos os conceitos mais importantes para o entendimento do ambiente em que algoritmos de curvas elípticas são utilizados, cientes de que uma abordagem completa estaria fora do escopo deste trabalho. O leitor interessado na bela teoria que suporta a criptografia é incentivado a consultar as referências indicadas anteriormente.

2.1 SESSÕES SEGURAS

A aplicação mais tradicional de criptografia, aquela descrita por um usuário comum de informática, encontra-se no estabelecimento de *sessões seguras* (*secure sessions*). Isto é, duas pessoas, A e B , tendo um segredo em comum (daqui em diante chamado de *chave*), gostariam de se comunicar através de um canal potencialmente inseguro. Com alguma frequência, A gostaria de mandar algo¹ (*texto em claro*, *plaintext*) para B , denotar-se-á por *mensagem* tudo aquilo que A gostaria de enviar para B , embora A esteja restrito a enviar uma fração de tal mensagem por vez. Considera-se também a existência de um adversário ADV computacionalmente irrestrito, limitado a ouvir tudo que A envia pelo canal. Informalmente, A gostaria de "cifrar" a mensagem de modo que ADV não possa descobrir nenhuma informação sobre a mesma.

Tal cenário motiva a primeira definição aqui apresentada:

Definição 1 Diremos que uma chave é um $K \in \{0, 1\}^n$, onde $K = K_1 K_2 \dots K_n$, e uma mensagem é um $M \in \{0, 1\}^m$, onde $M = M_1 M_2 \dots M_m$. Uma encryption function é uma função

$$Enc : \{0, 1\}^m \times \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^*$$

¹Tratamos de comunicação unidirecional aqui por simplicidade, todos os conceitos podem ser expandidos para um canal bidirecional.

Uma decryption function é uma função

$$Dec : \{0, 1\}^* \times \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^m$$

Requer-se do par (Enc, Dec) a seguinte condição de corretude:

$$\forall M \in \{0, 1\}^m, \forall K \in \{0, 1\}^n Dec(Enc(M, K), K) = M$$

Informalmente, $Enc(M, K)$ é entendido como a mensagem M cifrada que A envia a B , o qual aplica Dec para retornar ao texto em claro. É importante insistir na condição de corretude, uma vez que ela garante que qualquer mensagem cifrada por Enc será corretamente produzida por Dec , desde que a mesma chave seja usada em ambas as funções².

Podemos agora descrever o que seria uma função segura. Existem diversas definições provadamente equivalentes na literatura, por simplicidade a definição seguinte é adotada neste trabalho:

Definição 2 *O par (Enc, Dec) é dito perfeitamente seguro se, para toda $f : \{0, 1\}^* \rightarrow \{0, 1\}^m$, a seguinte proposição é válida:*

Considere o experimento em que M é escolhida de modo aleatório de $\{0, 1\}^m$ e K é escolhida de modo aleatório de $\{0, 1\}^n$. Então deve ser verdade que:

$$P[f(Enc(M, K)) = M] = 1/2^m$$

Isto é, um adversário vendo a mensagem cifrada não consegue adivinhar o valor de M com probabilidade maior do que se ele simplesmente escolhesse uma mensagem arbitrária. Note que o fato do adversário estar ilimitado computacionalmente é representado pelo fato de que ele é modelado como uma função arbitrária na definição.

No caso em que $n > m$, não é difícil provar a existência de um par (Enc, Dec) perfeitamente seguro: as funções $Enc(M, K) = M_1 \oplus K_1 M_2 \oplus K_2 \dots M_m \oplus K_m$ e $Dec(X, K) = X_1 \oplus K_1 X_2 \oplus K_2 \dots X_m \oplus K_m$ satisfazem a definição³. Na prática, porém, essa definição não é muito interessante, visto que gostaríamos de trabalhar com chaves pequenas (algumas centenas de bits) e mensagens de tamanho arbitrário⁴. Essa

²É comum nos referimos ao par (Enc, Dec) quando queremos discutir alguma propriedade criptográfica, visto que as duas funções geralmente estão relacionadas para conferir corretude. É um exercício interessante pensar como seria fácil obter segurança sem o requerimento de corretude.

³Tal função é conhecida como *one-time pad* na literatura.

⁴Embora o termo arbitrário seja utilizado, na prática espera-se que esse número

necessidade entra diretamente em conflito com o seguinte teorema:

Teorema 1 *Se $m > n$ então nenhum (Enc, Dec) é perfeitamente seguro.*

A prova, embora simples, é omitida por clareza. Para contornar esse teorema poderoso, adicionaremos a restrição de que ADV deve ser um algoritmo o qual executa em tempo polinomial (em relação a n) e definiremos uma classe de funções com a qual trabalharemos.

Definição 3 *Um gerador de funções (Function Generator) F associa a cada $n \in \mathbb{N}$ e a cada $k \in \{0, 1\}^n$ uma função $F_k : \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^n$ de modo que exista um algoritmo com tempo de execução polinomial (em n) o qual compute $F_k(x)$.*

Nós iremos exigir que tais geradores de função sejam *pseudo-aleatórios*, isto é, um adversário não consegue distinguir entre um F_k e uma função escolhida aleatoriamente $f : \{0, 1\}^n \rightarrow \{0, 1\}^n$ com probabilidade superior a $1/n^c$ para todo c e para n suficientemente grande.

Assume-se que os algoritmos AES e DES se comportem como geradores de funções pseudo-aleatórios⁵. O primeiro, por exemplo, associa uma chave k de 128 (196 ou 256) bits com a função AES_k e é esta função que A tipicamente usa para enviar sua mensagem para B . De fato, esses algoritmos são construídos de modo as que funções geradas sejam também permutações, permitindo que se utilize $Enc = AES_k$ e $Dec = AES_k^{-1}$. A razão pela qual simplesmente *assumimos* que geradores de função pseudo-aleatórios existem é devido ao fato dessa ser uma afirmação mais forte que $P \neq NP$, e somos incapazes de provar isso.

2.2 CRIPTOGRAFIA DE CHAVES PÚBLICAS

Até esse momento, assumimos que A e B haviam previamente combinado uma chave para efetuar a comunicação segura. Tal hipótese pode ser suficiente para ambientes em que poucos pares precisam se comunicar, porém não é adequada para a maioria dos outros cenários. Essa observação motiva o principal objetivo da criptografia assimétrica: como fazer com que duas pessoas possam trocar mensagens em um

seja muito inferior a 2^n

⁵Um pequeno abuso é feito nessa afirmação, visto que esses algoritmos são definidos para alguns poucos valores de n .

canal inseguro e, ao final da comunicação, ambas possuam uma mesma chave desconhecida a qualquer adversário manipulando o canal?

Atualmente, esse objetivo é atingido com o uso de algumas conjecturas da teoria dos números. Uma delas é a dificuldade (de alguma versão) do problema do logaritmo discreto. Neste trabalho, estamos interessados na variação de curvas elípticas do problema, o assunto da presente seção.

Definição 4 *Uma curva elíptica E sobre o corpo finito $GF(p)$, onde p é um número primo ímpar, é o conjunto:*

$$E = \{(x, y) \mid y^2 = x^3 + ax + b \quad \wedge \quad x, y, a, b \in GF(p)$$

$$\wedge \quad 4a^3 + 27b^2 \neq 0 \pmod{p}\} \cup \{O\}$$

onde a e b são constantes relacionadas a curva e O é chamado de ponto no infinito.

Definição 5 *Uma curva elíptica E sobre o corpo finito $GF(2^m)$, é o conjunto:*

$$E = \{(x, y) \mid y^2 + xy = x^3 + ax^2 + b \quad \wedge \quad x, y, a, b \in GF(2^m)$$

$$\wedge \quad b \neq 0\} \cup \{O\}$$

onde a e b são constantes relacionadas a curva e O é chamado de ponto no infinito.

Definição 6 *O número de elementos de uma curva E é chamado de ordem de E e é denotado por $\#E(GF(q))$.*

Para ilustrar as definições, considere a curva E dada por

$$y^2 = x^3 + x + 5$$

sobre $GF(13)$. Os pontos de E são:

$$\{O, (1, 4), (1, 9), (3, 6), (3, 7), (8, 5), (8, 8), (10, 0), (11, 4), (11, 9)\}$$

e $\#E(GF(13)) = 10$.

A figura ?? ilustra os pontos da curva sobre $GF(13)$ e, para comparação, a mesma curva é desenhada sobre os reais na figura ?. Como se pode observar, a troca de domínio muda consideravelmente a aparência da curva.

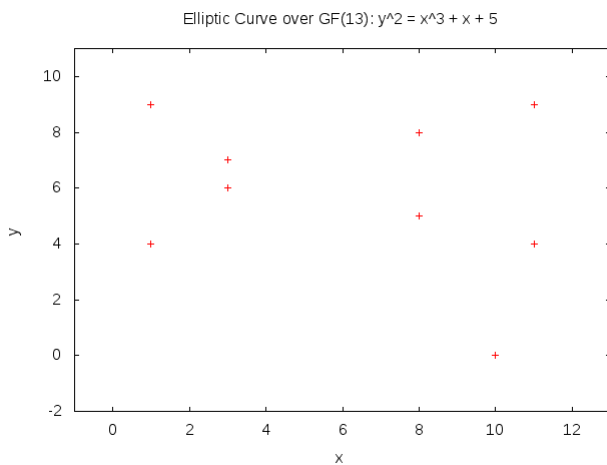


Figura 1: Exemplo de uma curva elíptica sobre $GF(13)$

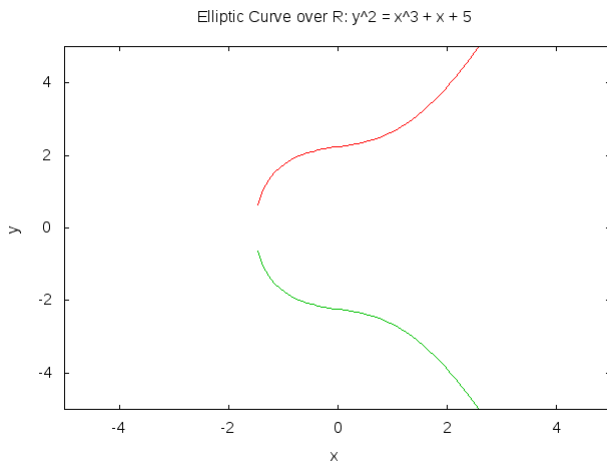


Figura 2: Exemplo de uma curva elíptica sobre R